

eixos centrais da teoria da destrutividade, que Melanie Klein elaborou. A respeito diz em "Inveja e Gratidão":

"Existem razões psicológicas muito pertinentes que explicam por que a inveja se encontra entre os sete pecados mortais. Eu sugeri, também, que inconscientemente é percebido como o maior pecado de todos porque ataca e dana o objeto bom, fonte de vida".

Será também "inconscientemente" que M. Klein articula a inveja com os sete pecados capitais?

A destruição pode ser ou não o eixo do conflito humano (pecado maior ou pecado a mais), mas ela deve ser barrada, sua interdição forma parte de um sistema de proibições (pecados) que marcam esse cruzamento com a Cultura que Freud teorizou a partir do mito edípico.

Que o Pai da Horda Primitiva não tenha convencido Melanie Klein para desenvolver seu próprio pensamento. Que ela tenha preferido outros caminhos (a do Super-Ego primitivo, por exemplo), não desmerece em nada o problema levantado, válido até hoje.

Desde uma perspectiva diferente, o Lacanismo recupera o tema. Sabemos que a problemática do ideal é retomada por Lacan a partir do que ele chama significante "senhor", "amo". Mas diz Jacques-Alain Miller:

"O significante "senhor" não soluciona o paradoxo do gozo".

"O gozo como nó da pulsão de morte e da libido fez do sadismo um fenômeno subsidiário. Não é a agressão ao outro o essencial em Lacan, isto tem seu lugar no narcisismo especular, o fundamental é que quando goza, o sujeito se destrói a si mesmo, que o gozo em si mesmo é uma destruição..."

Será que Melanie Klein começou pensando o gozo?

Melanie Klein confiava no papel normalizante do amor, embora sempre ameaçado pela inveja.

Freud queria acreditar no projeto da Cultura, apesar do mal-estar por ela criado.

Lacan, depois de centrar a Psicanálise no contexto de uma teoria da linguagem (significante), vê-se obrigado a introduzir o gozo, esse "plus", esse nó entre a pulsão de morte e a libido, como diz

J.A.Miller, com a qual pensar a auto-destrutividade.

A destrutividade humana encontra-se hoje, mais que nunca, no centro de nosso pensar. Trata-se de um desses assuntos "familiares" e "estranhos". Quanto mais acreditamos dominá-la com nosso pensar, mais se escapa pela porta dos fundos. Nesse sentido, com os limites que uma época impõe a um pensamento, a obra de Melanie Klein é um bom exemplo desse movimento de captura e perda.

## Referências

(1) O presente trabalho é fruto de um intercâmbio no "seio" do grupo Formação em Psicanálise do Sedes, sobre o tema da Pulsão de Morte. Tem como destinatários especiais Emir, Suzana e Maria Luiza.

(2) A respeito Oscar Miguez. "A agressividade em Freud" (texto preparado para os alunos do segundo ano do Sedes).

(3) No prefácio à edição castelhana das Obras Completas de M. Klein, León Grinberg diz: "Sus conceptos y la aplicación de los mismos, difieren de las teorías psicoanalíticas tradicionales, sobre todo en lo concerniente a la cronología del desarrollo psíquico del niño y a las características de su mundo interno.

(4) Melanie Klein: he Psycho-analysis - of. children. Hogarth Press soudoir (trad. Livre).

(5) Melanie Klein: Obras Completas. Vol. 6 - pg. 28 Buenos Aires. Paidós. 1977 (Tradução livre).

(6) Jacques- Alain Miller: Lógicas de la vida amorosa pg. 47 Buenos Aires manantial. 1991 (tradução livre).

(7) Jacques- Alain Miller: Lógicas de la vida amorosa pg. 124, Buenos Aires Manantial. 1991 (tradução livre).

(8) Ver a respeito: Eric Laurent- Concepciones de la cura en psicoanálisis. Buenos Aires Manantial. 1984.

## ARTIGOS

### ALGUMAS NOTAS SOBRE AS FORMAS PASSIONAIS DO CONHECIMENTO

EMIR TOMAZELLI

Professor do Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

#### OBSERVAÇÃO PRELIMINAR

Este trabalho tem por objetivo responder a

algumas das questões levantadas nas reuniões do grupo de professores - deste ano de 1992 - onde se debateu, mais uma vez, os pontos de distância e contato entre Freud e Klein.

O contexto teórico foi o da "pulsão de morte". Pretexto consciente e objeto de grande polêmica entre nós, nos conduziu diretamente às questões latentes da filiação e da postura clínica. Enfim, nos conduziu para aquilo que hoje se nomeia ética.

A sombra da grande erudição de Lacan esteve presente nas discussões. Neste sentido ele é valorizado ao longo do texto como um interlocutor que respeitamos mas sobre quem é conveniente marcar alguns pontos de limite.

No texto, avaliamos ainda, que seria oportuno deixar evidente a nossa intenção de trabalho. Estamos em busca de uma metapsicologia. Estamos interessados em uma epistemologia contemporânea dos problemas levantados pela tradição kleiniana.

Talvez, os sinais do esforço de conciliação dificultem a compreensão e a leitura. São os vestígios das tensões que as oposições teóricas comportam. Talvez, aqui tenhamos a oportunidade para elaborar nosso percurso e nossa história institucional fazendo um texto, uma fala: este texto, esta fala. De nossa parte também consideramos este o momento propício para tentar trabalhar um tema difícil. Talvez este seja o kairós, uma "agoridade" capaz de movimento que nos leve e faça evoluir.

## I- INTRODUÇÃO: EM DEFESA DE UM CERTO IMAGINÁRIO - O CORPO

Conceitos como cognição, razão, lógica, álgebra, matemática são ações psíquicas que criam, ao redor dos acontecimentos, uma atmosfera específica. Criam um sentimento específico de ausência, de estranhamento. Criam, em última instância o ambiente necessário, a experiência de conhecimento.

Temos, assim, a construção de um envoltório, de uma área onde se vive sob a proteção do já conhecido, do já sabido: a proteção do classificado, do categorizado, do domesticado com o qual se pode elaborar e conhecer a vida.

Sob a proteção dos operadores do conhecimento repousa todo nosso espírito científico porém não é aí onde reside nossa calma. De qualquer forma dominar a natureza com a razão, cria a possibilidade de acalmar nossos espíritos, dominar nossas ações, domar um "algo" passional que nos arrasta para as beiradas marginais, para os limites das possibilidades últimas do pensamento.

Há um exemplo desta idéia em um texto de Olgária Matos:

"O impulso à autoconservação nasce do medo mítico de perder o próprio eu, medo da morte e da destruição, que se manifesta em toda circunstância que determina sua diminuição ou opressão, gerando um recolhimento egocêntrico do sujeito sobre si mesmo. O eu se torna tão importante para si que tudo o que lhe é exterior, outro em relação a si, não tem valor nenhum a não ser um, negativo: o outro é visto como hostil, perigoso e devendo ser dominado. Para tanto mito e ciência têm procedimentos diversos: no mito, o recurso ao mimetismo; na ciência, à identidade. No mito, graças ao mimetismo, um diálogo comunicativo entre o homem e a natureza exterior que o ameaça é possível. O feiticeiro - pela imitação das forças naturais - realiza gestos de cólera ou apaziguamento para conter sua angústia frente ao desconhecido. Na ciência, acredita-se vencer o medo quando nada mais houver de ignoto, de estranho. A ciência se reporta a uma natureza não mais qualitativa e animada, mas quantitativa e formalizada. O mito antropomorfiza a natureza, a ciência a objetiva para dominá-la intelectualmente, para reduzi-la à dimensão do mesmo - o sujeito. A alteridade é negada porque a simples existência do outro é a fonte genuína da angústia".

Proponho estas primeiras conjecturas como modo de me aproximar do problema, e o problema é o da cognição e sua relação com as organizações inconscientes. À luz do pensamento kleiniano estas organizações funcionam como paredes que repelem todo o saber que deve ser construído pois trabalham com o novo do cotidiano como se fosse uma realidade já conhecida e - o que é pior - a única a ser sempre repetida. Veja-se também os conceitos freudianos em "Além do princípio de prazer". Lá a repetição

é a parente da morte, parente do que não tem sentido e se recusa a adquirir um. No inconsciente não haveria o quê, nem porquê se aprender, tudo já está dado de antemão. Com isto acabo percebendo que há uma tendência em minha forma de pensar que equivaleria a dizer:

A percepção, isto é, o sistema que qualifica a experiência vivida, é ele próprio, a superfície e o fundo do mundo inconsciente. Perceber é estar abandonado ao trabalho ininterrupto de películas sucessivas de códigos, de películas sucessivas de linguagem e fantasia que se formam ao longo desse tempo que nominamos tempo de vida. Elas se interpenetram, se confundem, se destroem e se recriam numa infatigável produção de ilusões, de verdades, de decepções, de lógicas. Porém, perceber também é reconhecer e, mais que isto, é poder repetir para identificar e não para não perceber. No entanto perceber, repetir e reconhecer é, além disto, estar apto a suportar o trabalho das vísceras, é estar apto ao trabalho destes sistemas defensivos que são as primeiras palavras do corpo.

Esta é a hipótese que está aqui em construção. É nela onde deve poder ficar mais claro o problema com o qual me disponho a trabalhar, chamando a atenção para a relação entre corpo e cognição do ponto de vista imaginário. Poderia dizer que em mim há um fascínio, um encantamento especial pela imagem, pela imaginação, pela captura corporal do simbólico e pela verdade formal impregnada da sensorialidade que o corpo encerra.

O título já apresenta de modo explícito uma tendência: nos dias de hoje temos negligenciado - em nome de uma hierarquia de valores que tem no simbólico seu representante máximo - o corpo, o imaginário, o mito e os sinais viscerais como se estes dissessem menos quando confrontados com a precisão algébrica do símbolo. Temo que aí haja um grande equívoco, e, é tentando recuperar a valorização do imaginário que me agrada falar.

Pode parecer que aqui se esboça uma contradição, uma vez que o domínio da cognição é privilegiadamente o domínio do símbolo, da idéia; campo que busca - sempre que possível - evitar os efeitos falsificadores das informações perceptivas não mediadas, e, também, evitar os efeitos ilusórios da pregnância da afetividade

sobre a idéia, a pregnância da paixão. Esta paixão se apresenta como um fascínio que descentra o sujeito humano do seu mundo racional. Furta do homem a possibilidade calma de se recolher na perfeição da idéia. De qualquer forma, é ainda no espaço mais sujo da construção da inteligência - o corpo, o imaginário e o mito - que minha prática tem me sugerido pesquisar a palavra insensata da razão. Sua insensatez engendra a loucura fascinante da ilusão, do engano, da des-razão: o pensamento produzido pelas vísceras.

Num certo sentido é o imaginário que inventa o simbólico e afirma que ele é a parte da imaginação mais bela, é seu gesto mais exato, e isto pode vir a ser uma verdade mais forte que a imagem. Em outras palavras o corpo ama a idéia e necessita parecer-se com ela. Produzir com os arames do símbolo a coerência e com eles construir a lógica, pode permitir uma certa segurança e uma certa aflição. Aguardar o encontro justo e seguro com a finitude do corpo é o alvo, esta é uma lógica da qual a corporeidade não abre mão e talvez seja o maior sofrimento do espírito. Neste sentido, vou preferir a morte - e com ela a violência - para referendar meu trabalho com os aspectos inferiores e degradáveis do símbolo. Eles se destinam ao consumo autofágico, ao consumo narcísico, ao descartável. Estão mais próximos do mal, estão mais próximos do nada. A nobreza do símbolo é perene e coletiva em sua punjança matemática, é supra-individual e se assemelha às divindades supremas. O diabo, como se sabe, mora nos detalhes... sempre nos escapa.

Nos últimos tempos, meu interesse tem estado ligado a uma leitura psicanalítica dos problemas da cognição e, mais especificamente, a uma leitura kleiniana ou visceral do conhecimento. A cognição em Freud não ocupa muito de sua obra, mas, os poucos artigos que abordam este tema são muito fecundos e de uma profundidade ímpar. Aqueles que posso lembrar no momento são "O projeto de uma psicologia para neurólogos", de 1895, e o belíssimo artigo "Die Verneinung" (A negativa) de 1925. Este último recebeu uma atenção especial de Jean Hyppolite, em uma apresentação genial por ele feita e reproduzida nos "Ecrits" de Lacan. De qualquer forma, mesmo que neles se conserve uma obscuridade particular dos ensaios filosóficos ou dos excessos positivistas, muitas vezes presentes nos textos



freudianos, são todos eles textos muito importantes e úteis para todos os profissionais que trabalham com os problemas do pensamento, da percepção, da ação (motricidade), do aprendizado e, também para aqueles que trabalham no espaço da doença mental grave, principalmente naquilo que se refere à psicose.

Nessas andanças em busca de maiores referências teóricas para resgatar de modo perene e direto o valor da força imaginativa do homem, deparei-me com Melanie Klein e com suas áridas construções teóricas escondidas e submersas num amontoado confuso de evidências clínicas e discussões teóricas, feitas sem o cuidado discursivo freudiano ou "científico". No entanto, elas criavam-me uma enorme fascinação e curiosidade, uma vez que se abriam para um universo que sempre me pareceu extraordinário e que só havia tomado forma de pensamento consciente quando li Walter Benjamin e Gaston Bachelard. Me refiro especificamente aos conceitos de "narrador" em Benjamin e à discussão sobre a importância do "fogo" e da "razão" em Bachelard. O acréscimo, que eu diria neste contexto ser mais kleiniano, seria o aspecto noturno da razão. A idéia da noite, não só como sonho, ou, da noite como conversa ao pé do lume. Diria ser a noite, em Klein, povoada por uma luminosidade amorfa e profundamente tensa, capaz de construir com palavras de absoluta cotidianidade efeitos que insistem em nomear o inefável. Nela, o que se experimenta é levar este atrevimento às raias do absurdo, formulando a primeira noção do "desejo de conhecer" como uma identificação brutal com a figura corporal da mãe, totalmente dilacerada em seu interior, no interior da memória da criança. Mãe brutalmente invadida por ela, que se apossaria dessa identidade materna na esperança de livrar-se da profunda dor da experiência de ignorância. Aqui teríamos a mímica vertiginosa da cópia e não a identidade adquirida pelo reconhecimento.

"Este sentimento precoce de não saber tem múltiplas conexões; une-se ao sentimento de ser incapaz, impotente, o que logo resulta da situação edípica. A criança também sente esta frustração de forma mais aguda, porque não sabe nada definido sobre os processos sexuais. Em ambos os sexos o complexo de castração é acentuado por este sentimento de ignorância.

Esta primeira conexão entre o impulso epistemofílico e o sadismo é muito importante para todo o desenvolvimento mental. Este instinto, é ativado pelo surgimento das tendências edípicas, está a princípio principalmente relacionado com o corpo da mãe, que se supõe ser o palco de todos os processos e desenvolvimentos sexuais. A criança está ainda dominada pela situação sádico-anal da libido, que a impele a desejar apropriar-se dos conteúdos do corpo. Deste modo, começa ter a curiosidade pelo que contém, como é, etc. Assim, o instinto epistemofílico e o desejo de tomar posse chegaram logo a estar intimamente ligados um com o outro e, ao mesmo tempo, com o sentimento de culpa provocado pelo incipiente complexo edípico. Esta significativa conexão anuncia, em ambos os sexos, uma fase de desenvolvimento de importância vital, que até agora não tem sido suficientemente reconhecida. Consiste numa identificação muito precoce com a mãe." <sup>(4)</sup> (grifos de M. Klein).

Esta é a referência importante a ser resgatada, a referência que julgamos mais passional e que também cremos ser aquela que deva receber uma valorização mais ativa pois era necessário que diante do paradoxo criado pela psicanálise, de colocar razão, de construir uma explicação plausível, para um mundo que a própria psicanálise dizia inexplicável... Era necessário recuperar o Lévi-Strauss que havia desaparecido diante da acuidade algébrica do seu próprio estruturalismo assumido por Lacan e re-trabalhado por ele de modo exemplar... Era necessário que, diante da incisão lingüística feita na rede entretecida pelo significante-significado, uma gota de sangue pudesse ser sempre bem visível... Era necessário que alguém pudesse resgatar os poderes bruxos de uma outra teoria psicanalítica - a kleiniana - e recolocá-los, aí sim, diante das temperaturas brandas da razão para poder pensá-los. Tentar fazer das palavras que profanam a quietude assustadora e grandiosa do inefável, palavras que pudessem servir como narrativa e ninho para o nascimento de mais um espaço de acolhimento de um novo mito. Porém, este mito envelheceu inesperadamente, diante da

4. - Chauí, M. - "O Discurso Competente". in "Cultura e Democracia." São Paulo: Editora Moderna, 1981. p. 3.

lógica fria e irrefutável da letra.<sup>(5)</sup> É isto o que lastimamos e queremos resgatar, para melhor compreender o encontro do sujeito com o objeto.

Se, por ventura, esta minha leitura sobre o valor do símbolo no estruturalismo puder estar equivocada, eu me alegro. Ficaria mais satisfeito ainda se pudéssemos pensar, não em uma hierarquia do poder do símbolo sobre o imaginário, mas sim em uma multiplicidade de mediadores que só poderiam se integrar quando o humano fosse capaz de suportar e reconhecer todas as categorias de linguagem que o recobrem. São milhares de sistemas-semânticos que se cruzam e se recortam, tem autonomia e já são capazes de vida própria e comunicação entre si. Vale dizer, como já foi dito à exaustão, são os sistemas que nos falam; nós, depois de oferecermos a matéria-prima para sua confecção, lhes perdemos o controle e assim nos transformamos em seres apaixonados, a mercê dessas línguas que nos lambem. No entanto é no corpo onde se encontra um porto-seguro, um local de retorno: "É o corpo que faz sinal. É o corpo que faz sentido."<sup>(6)</sup>

É aqui, precisamente nesta vereda, onde quero, ou onde necessito da presença do corpo e de sua organização muscular e de suas vísceras. Necessito de sua lógica sensório-motora para afirmar que sem ela não há língua nem tampouco linguagem que possa aportar alguma quietude ao ser psíquico que se está formando. Por outro lado, ainda diria que os esquemas lógicos, próprios do bios (a biológica!) e aqueles do objeto formam um tecido que está verdadeiramente expresso na ação: o movimento ordenado do corpo é um sinal desta lógica. Porém necessito de sua língua primária para saber da fala que fala das qualidades destas ações, e, simultaneamente as perturbam emprestando-lhes significados muitas vezes inconvenientes.

A ação, ou melhor, toda ação pede aplicação. Ela exige um objeto, não vive sem ele. Sem o objeto a ação não se constrói e sem o objeto a ação perde seu poder ontológico: é espasmo e descarga. Este conhecimento, no campo kleiniano, se constrói com o recurso da mimese, da cópia, e no momento da petrificação identitária do primeiro encontro e do primeiro pânico forma o primeiro olhar, a primeira forma de ver e de invejar. Estar

identificado com sua mãe, para o bebê é um momento de conhecer e reconhecer: é, adquirindo uma semelhança com a forma psíquica do feminino que forjamos a primeira maneira que nos assegura uma unidade de saber. Porém, assim procedendo, forjamos as imagens que nos iludem, a experiência de estranhamento e uma identidade que nos despersonaliza.

Para Melanie Klein é no corpo da mãe, e mais especialmente na descoberta fantástica da existência de seu ventre, que uma cena psíquica qualquer pode receber um valor de ancestralidade mítica. O mito e só o mito, é que pode organizar a função desse espaço sagrado transformando em observável<sup>(7)</sup> aquilo que poderia ser sem nenhum sentido:

"É, com efeito, no mito que melhor se aprende, ao vivo o conluio dos postulados mais secretos, mais mordazes, do psiquismo individual e das pressões mais imperativas e perturbadoras da existência social".<sup>(8)</sup>

Além disto, é no mito onde a afetividade humana toma um formato narrativo:

"parece, com efeito, que a sintaxe da mitologia

5. - Cassirer, E. - "Lenguaje y Mito. Sobre el Problema de los Nombres de los Dioses". in "Essencia e Efecto del

Concepto de Signo." México: Fondo de Cultura Económica. p. 77. 1975. Também em tradução brasileira: "Linguagem e Mito" São Paulo: Editora Perspectiva. 1972.

6. - "Filosofia de las Formas Simbólicas" México: Fondo de Cultura Económica. Vol III p. 76. 1972.

7. - Herrmann, F. - "Desejo, Representação e a Clínica da Crença." in "Clínica Psicanalítica: A Arte da Interpretação." São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p. 123.

8. - Jakobson, R. - "Linguística e Poética" - publicado originalmente em "Stile in Language", org. por Thomas A.

Sebeok. Nova Iorque, M.I.T., 1960. - in "Linguística e Comunicação", 2ª Edição, Revista, Editora Cultrix Ltda, São Paulo, 1969, tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes, p. 15; 10ª edição, Editora Cultrix Ltda, São Paulo, tradução idem, sem data, p. 118

comporta uma organização perspectiva através de diversos níveis da afetividade" <sup>(9)</sup>, e ainda "o aspecto antropomórfico de um elemento parece, de fato, estar na origem de sua ação sobre a afetividade humana". <sup>(10)</sup>

Desta maneira é o corpo que oferece a experiência de descarga, a experiência de afeto. O objeto oferece seu nome. Afeto e objeto nomeiam o corpo duas vezes; corpo onde a valorização mítica ganha a forma de paixão. Sem ela o símbolo se desmancha e perde o sentido: o corpo é, em última análise aquilo que resta da palavra, seria para nós aquilo que Platão foi para Sócrates, sua escrita: o corpo é nossa escrita. É assim que, forjadas como escritas, as palavras ganham realidade histórica e passional uma vez que adquirem corpo e com ele movimento, ação. É assim que, contido pelo mito, o corpo do bebê não se derrama no corpo da mãe e nele desaparece. Só na vontade narrativa da mãe é que seu bebê pode voltar vivo do mergulho que ele fez em seu ventre psíquico. É no corpo da mãe que a ordenação matemática do cromossoma adquire sentido, tecendo no imaginário a explicação mágica do surgimento da vida. No entanto é no corpo do bebê que o leite pode um dia ser uma metáfora para a palavra vida. É nele onde a mãe pode exercer as ações que constroem sua maternidade.

Cito Novaes:

"Dois fragmentos de Proust, tirados de *Les regrets, rêveries couleurs du temps*, dão conta dessa relação:

"O mar alegra nossa alma porque ele é, como ela, aspiração infinita e impotente, élan rompido sem cessar e quedas, lamento eterno e doce. Ele nos encanta também como a música que não traz como a linguagem a marca das coisas, que nada nos diz dos homens, mas que imita os movimentos da nossa alma. Nosso coração, enlaçando-se às suas vagas, caindo com elas, esquece assim suas próprias fraquezas, e se consola em sua harmonia íntima entre sua tristeza e o mar, que confunde seu destino com o destino das coisas...

A única realidade estava nessa luz irreal, e eu a invocava sorrindo. Eu não compreendia que misteriosas semelhanças uniam minhas penas aos solenes mistérios que se celebravam nos bosques,

no céu e no mar, mas sentia que sua explicação, seu consolo, seu perdão eram ditos, e que era sem importância que minha inteligência descobrisse o segredo, porque meu coração o compreendia muito bem."

Na sua radicalidade, indo além dos limites dos tormentos das afecções mais delicadas, submetendo-se quase que por inteiro à lógica das emoções e a inteligência do coração, Proust é talvez o melhor exemplo da força dos corpos exteriores: Se um outro se assemelha a mim, escreve ele, é porque eu sou alguém. Chegou a dizer mais de uma vez em uma de suas sessenta cartas publicadas por Lucien Daudet: "Mãe... não a diferenciava de mim (aliás, creio já ter dito isso a você muitas vezes)". Completa subversão do argumento ontológico, afirma André Vial nos ensaios Proust, *âme profonde e Naissance d' une esthétique*: aqui, Proust inventa um novo cogito sem cogito; não o "penso, logo existo", mas sim "assemelha-se a mim, logo existo". Esse conhecimento delirante, genial em Proust porque consegue transformá-lo em obra de arte, é signo de uma potência externa: o que são as intermitências do coração senão o corpo sensível coberto de sombras ora alegres ora tristes, sucessivamente? O testemunho de Lucien Daudet é muito forte nesse sentido: "Marcel Proust dizia boa-noite à sua mãe, beijava-a com uma adoração infantil, lenta e apaixonada como se quisesse a cada noite retomar forças nos braços que o haviam embalado." É irresistível aproximar, nessa incessante busca da identidade fora de si, estas duas potências da natureza que se fundem tão bem na língua de origem: mer-mère. Enfim, um desejo todo construído na imaginação, como encerra o próprio Proust: "Ela era, talvez, a insensível e inconsciente testemunha de sua própria graça. A sua mais real beleza estava, talvez, no meu desejo". <sup>(11)</sup>

9. - Freud, S. - "O Ego e o Id" in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XX. São Paulo: Imago Editora, 1976, p. 209.

10. - "A Questão da Análise Leiga" in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. São Paulo: Imago Editora, 1969, p. 25.

11. - Klein, M. - "Algumas Observações Teóricas sobre a Vida Emocional do Bebê" in "Os Progressos da Psicanálise." Melanie Klein, Paula Heimann, Susan Isaacs, Joan Riviere. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969, p. 216



## II- O CORPO E A QUESTÃO DO AFETO:

"O afeto é apresentado como uma experiência corporal e psíquica, sendo que a primeira parece ser a condição da segunda. A experiência corporal se produz no momento de uma descarga interna; esta é reveladora de um sentimento de existência do corpo, na medida em que o arranca do silêncio. Ela atesta uma elevação de nível dos investimentos corporais, tensão que se resolve em descarga. Aqui o corpo é paciente e não agente, passivo e não ativo, espectador e não ator. O corpo não é o sujeito de uma ação, mas objeto de uma paixão."<sup>(12)</sup>

Conservando, de maneira rigorosa, a linha de pensamento freudiano, André Green reafirma - em uma linguagem totalmente pessoal - duas dimensões da experiência vivida e descrita desde a tradição filosófica grega, as dimensões do inteligível e do sensível. Evidentemente o sujeito do afeto é o objeto de uma paixão" porque ele é sujeito de sua própria corporeidade, e nela, todas as operações lógicas parecem estar em atividade, porém para o corpo apaixonado nada de inteligível advém dessas ações: é isto mesmo que nos autoriza a nomear esta ação de paixão. Infeccionado por uma linguagem que só se faz ouvir como um imperativo categórico, "aja!", o homem apaixonado pode ir além, pode ir além do estado que um corpo(ou uma biologia) pode sustentar. A morte, a finitude da razão e a dor, não importam ao sujeito condenado a agir, seu destino é o outro, seu destino é também a capacidade lógica do esquema corporal que já é dado como informação mínima, isto é, o sujeito que deve formular um conhecimento está aprisionado entre a lógica do próprio biológico e a lógica do objeto. Mamar como ação reflexa, é a justa medida que prova (em seu automatismo) o quanto o sujeito humano está condenado ao outro, condenado ao objeto, condenado a uma interpretação proveniente de um outro corpo.

No entanto, esta proposição nos leva também a pensar que a existência do seio pressupõe uma boca que o necessite como inscrição lógica primária. Posteriormente alguém poderia desejá-lo, mas neste momento o bebê o necessita ou, pelo menos, deveria necessitar do seio. Desejar já implicaria aceitar a submissão de que

a boca pudesse lhe dar a forma que ele já tem mas ainda não reconhece. Isto é, a boca contorna o seio lhe impregnando das qualidades, funções e fantasias orais e o seio, por sua vez, ensina a boca suas características nutritivas e sua intrusividade, sua penetrância.

No momento do parto, o corpo anuncia, todo, a sua limitação e sua paixão no grito que a cria humana dá ao nascer. Horkheimer<sup>(13)</sup> já o havia dito sem que faltasse nenhuma sílaba: "O grito de terror que acompanha a experiência do insólito, fica sendo o seu nome". Aqui o "insólito", que um dia virá a ser o hábito, é o mundo apresentado pelo grito. Agora só resta prepararmo-nos para o momento de ouvi-lo, para apreendê-lo com calma e também com sofrimento. Porém a contradição lógica que a vida biológica engendra está presente desde o início e aprisionada entre a dor e o prazer, resta, no entanto a construção de um campo neutro onde ela possa se expressar e, mais ainda, ser acolhida pelos esquemas lógicos das ações do corpo que deve estar apto a aceitar essa lógica: sendo assim o horror viria antes da lógica, não? Isto é, a paixão abre, como o grito, a possibilidade de nomear o inominável. Porém só o corpo, em sua lógica, permite que o grito seja dado.

Por outro lado, e a bem da verdade, não se diria jamais que um "esquema" de ação não deseja expressar o que, próprio ao seu momento, ele deve ser capaz de expressar; mas devemos considerar esta possibilidade, devemos voltar nossa atenção a esse aspecto que age como se desejasse destruir a razão. Merleau-Ponty, afirma em 1952, na Sorbonne, que "Janet foi um dos primeiros a ver que os fenômenos das emoções são banais e não diferem radicalmente de um gênero de emoção a outro. Para ele (para Janet) 'Estar comovido' significa adotar uma atitude de fuga, livrando o sujeito da conduta racional a ser mantida"<sup>(14)</sup>. Pois é, aí está a afirmativa, aí está

12.- Levy-Strauss, C. - "Antropologia Estrutural." Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. p. 193 e 215.

Riviere, J. - "Sobre a Gênese do Conflito Psíquico nos Primórdios da Infância." in "os Progressos da Psicanálise." Melanie Klein, Paula Heimann, Susan Isaacs, Joan Riviere. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969, p. 47.

14.- Tchakhotine, S. - "Le Viol de Foules par la Propagande Politique." Paris: Éditions Gallimard, 1952. Posteriormente Edição Brasileira: "A Mistificação das Massas pela Propaganda Política." Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

descrito sucintamente um preconceito e, ao mesmo tempo, uma idéia. A idéia: Às vezes se torna necessário nos livrarmos da razão, da racionalidade; o preconceito: a emoção, o afeto, é uma fuga, é alguma coisa menor diante da razão e menos capaz para ser estrutura. Em Janet temos um Lacan disfarçado; com certeza Lacan foi mais violento em relação a uma teorização do afeto<sup>(15)</sup>:

"A obra de Lacan é exemplar, não apenas porque o afeto aí não tem nenhum lugar, mas também porque é explicitamente banido. 'No campo freudiano... o afeto é inapto a assumir o papel do sujeito protopático, visto que é um serviço que não tem titular' (Ecrits, p.799)" <sup>(16)</sup>.

Lacan, preocupado com o sujeito da enunciação inconsciente, jamais poderia permitir que algo não-algébrico ocupasse o lugar proeminente que ele havia reservado ao sujeito submetido à lógica absoluta do simbólico e da linguagem. O afeto é inapto a ser sujeito, visto que as vísceras não tem personalidade simbólica, são, como para Sócrates ou Descartes, perturbações ou ilusões que o sensível, por ser matéria degradada, interpõe ao inteligível que seria letra pura, desencarnada, e portanto, livre da sujeira sensorial. Livre do efeito de estranhamento que o corpo manifesta diante da passagem do metabólico ou do simbólico. Aqui talvez tenhamos a referência corporal da palavra sufrer (que também está presente na palavra paixão). Sufrer, talvez, seja o exato momento em que um símbolo passa pelo corpo e se anuncia!!!

Talvez, se pudesse afirmar que, os afetos são uma "descarga interna". Estes fenômenos que atingem as vísceras, eram fenômenos que para Freud indicavam apenas uma passagem diante do campo da consciência. Em M. Klein, pelo contrário, se pode adotar uma nova concepção: o afeto é uma força inconsciente particular; isto é, a força dos representantes afetivos da pulsão tiram da cena principal os representantes ideativos. A idéia, a forma pura, cede lugar para a tripa e para ausência de forma. Os afetos aqui também são estruturas, mas são estruturas não como aquelas concebidas por Lévi-Strauss ou Lacan, são climas, são ambientes que não dependem do lugar que o significante possa ocupar no campo da sentença, da linguagem, da família ou do grupo étnico. São estruturas da paixão; elas criam uma ilusão de movimento e criam com isto a ilusão de que é possível escapar da álgebra das letras; aquela

álgebra que acredita serem os signos isentos da dispersão que o corpo-sensível interpõe ao conhecimento. As forças da compulsão à repetição proveniente do simbolismo inconsciente são evocadas para evitar o impacto do encontro com o ignorado. O afeto é o saber do coração! Para o corpo tudo é novidade, para linguagem que fala a fala do inconsciente tudo é passado já conhecido. Tudo é eterno retorno a um já sabido, uma vez que é a evitação do desamparo gerado pela ignorância, ódio ao encontro, repugnância ao conhecimento, horror ao desejo.

### III- O CORPO E A QUESTÃO DO PENSAMENTO:

A observação de crianças psicóticas, que além da psicose tem também problemas de aprendizagem, tem evidenciado o quanto elas evitam o contato com o mundo tanto dos objetos como dos seus congêneres. Este problema muitas vezes tem sido trabalhado pelos estudiosos, tomando separadamente os aspectos cognitivos e os afetivos e, em consequência disto, separam-se da mesma forma os serviços terapêuticos; reservando-se para o mundo afetivo a psicoterapia e para o cognitivo a pedagogia (ou talvez mais precisamente, a psicopedagogia). Esta tendência a separar os fenômenos facilita, muitas vezes, um aprimoramento das habilidades de cada profissional em sua área, podendo com a prática ganhar cada vez maior acuidade e precisão com os instrumentos que lhe são necessários e que cada teoria oferece. O mesmo fenômeno também é visível com os profissionais que atuam na área médica e na psíquica. Com estes vemos uma outra cisão, mais tradicional porém, descosendo o tecido que envolve e une o físico e o psíquico (Winnicott, 1949).<sup>(17)</sup>

No entanto, afeto e cognição do ponto de vista teórico não são campos separáveis como não serão inseparáveis também os campos das vísceras e das idéias. Pode ser necessário, para se

15.- Winnicott, D. W. - "Carta de Winnicott a Melanie Klein" Trad. de Cláudia Bacchi. Rev. Bras. Psicanálise. 24 (2):277:80, 1990.

16 - Idem

17 - Winnicott, D. W. - Textos Seleccionados da Pediatria à Psicanálise; RJ.; Francisco Alves, 1978, capítulo 19.



pensar com profundidade sobre algum fato, destituir de afetividade as lembranças que estão registradas em nossa memória. Mas, todos os caminhos que deveríamos percorrer seriam infinitos e carentes de qualidades se não houvesse a cada passo um sinal que nos avisasse que usar aquele traço de memória iria nos causar dor. Porém nem sempre estamos aptos a optar pelo prazer, e, nem sempre o que pode nos dar prazer nos leva a alguma conquista do conhecimento.

Prazer e dor, alegria e tristeza, bondade e maldade estão no campo dos afetos e obviamente fazem parte de uma sofisticada rede de códigos que se constróem como saber primário. M. Klein já havia escrito e ensinado em seus textos que o primeiro sinal do símbolo é o desenvolvimento da angústia.

Assim, nos ensinou também o quanto o corpo sabe ensinar por onde o pensamento deve se conduzir. É o efeito de surpresa diante do encontro com o objeto que faz com que ocorram descargas viscerais, isto é, surjam os significantes passionais da experiência. São estes os que podem ser tomados como leituras afetivas primitivas. Isto nos faz compreender melhor o porque tudo que o corpo toca se transforma em qualidade. Em outras palavras é o afeto que apresenta o objeto, e ao mesmo tempo marca a distância desse mesmo objeto em relação a nós. Ele - o objeto - fica colorido, marcado, mediado pelo afeto que se interpõe no momento da experiência de conhecer. Algumas crianças podem querer evitar essa experiência do afeto ficando inafetivas. Outras podem suportá-lo e seguir adiante. É por esta razão que Bion (1970)<sup>(18)</sup> coloca a questão de que algumas pessoas sentem mas não sofrem, pois o sofrimento depende da presença do símbolo, depende da possibilidade de significar através de uma descarga corporal, que passa como um relâmpago na consciência, e, demarcam assim a forma-fugaz do objeto que se apresenta tanto na memória quanto na realidade. É o afeto sofrido que dará sentido ao objeto, ao sujeito e ao sentir proveniente do corpo.

Mantendo coerência com esta colocação poderíamos afirmar que o afeto é a leitura visceral do encontro com o objeto. O afeto é o mediador visceral do processo de conhecimento. Porém ele só não basta. Ele, por seu lado, poderia

proporcionar um excesso de qualidades sem ter nenhuma lembrança que o sustentasse. Assim, a memória dissociada do afeto é letra pura, é lógica sem sentido e, de outra forma, o afeto, sem a letra para segurá-lo, é inércia, expansão perene, automatismo, estertor. É morte.

É evidente que, além do próprio corpo da criança a dar a primeira forma a essa experiência que talvez pudéssemos chamar de experiência estética (Meltzer, D. 1985),<sup>(19)</sup> a pessoa da mãe deve ser lembrada. É ela a responsável pela confecção, costura e manutenção de uma escura imaginária da criança. É ela que produz o tecido mítico que irá envolver a criança. Ela refaz a tradição, toma a função narrativa e constrói tempo, ao redor da criança; a envolve em um campo heterogêneo impregnado da palavra sagrada, a introduz em todos os valores das imagens, das temperaturas, dos tons e de todos os ritmos humanos: do lazer ao trabalho, do tédio ao sonho. É a mãe que suporta, enfim, o duro golpe da descarga visceral dando-lhe um formato de paixão: "Agora que você nasceu deverá apaixonar-se por mim, eu sou você e você só tem a mim para viver, sua vida está em minhas mãos, sua vida sou eu!" Sabemos muito bem como isto custará caro. Dívida de amor só se paga com a morte.

Neste contexto ainda temos que lembrar duas polaridades mais a serem pensadas. Uma é a potencialidade lógica do corpo da criança e a outra é o ódio gerado pela consciência de se estar submetido ao discurso de um outro, no caso aqui a mãe, que fala pela criança mas que talvez não possa ouvi-la com o ouvido do conhecimento. A primeira é a potência corporal de codificar uma experiência para além daquilo que seria a experiência estética. O corpo é também capaz de razão; ele também é capaz de evitar o choque contínuo com a paixão, é capaz de desvalorizar a mãe o suficiente, para querê-la só quando for

18 - Bion, W. R. - Atenção e Interpretação; R.J.; Imago, 1973, p.11: ... "elas sentem dor mas não a sofrem e nem podem ser levadas a descobri-la. O que elas não sofrerão ou descobrirão, teremos que conjecturar daquilo que aprendemos de pacientes que se permitem sofrer. O paciente que não sofre dor, falha ao "sofrer" prazer e isso nega-lhe o encorajamento que ele, ..., poderia receber de uma ajuda acidental ou intrínseca".

19 - Meltzer, D. - *Rèvue Française de Psychanalyse*, 49(5): 1385-1389, 1985

necessário. É esta racionalidade - que introduz uma ligeira indiferença nas relações - que protege um bebê dos desejos eróticos que qualquer mãe tem pelo seu filho. É esta capacidade de distância, de esfriamento racional que faz a mãe sentir-se, também, submetida à crueldade passional da lógica corporal das necessidades de seu bebê. Isto poderia ser dito assim: se a boca não mama a mãe não existe!

Horrorizada com a possibilidade de estar morta no mundo mental do próprio filho, ela (a mãe) lhe implora que mame. Julgo não ser atrevimento dizer que na palavra "mamar" a ação e o afeto estão unidos e marcam bem a súplica passional que aí se revela: quem mama também me ama! É este o desejo materno e este é o acordo entre corpo e objeto. É a este gesto, o de poder sugar, que se dirige o anseio do seio. São estas as ações que esperam que um sujeito venha a se apossar delas. São ações que anseiam pelo corpo de um sujeito vivo.

A segunda proposição é algo mais complexa, ela envolve delicados temas teóricos sobre a afetividade humana e nos leva à investigação das qualidades do mundo subterrâneo e de sua força necessária mas corrosiva. Estamos falando do mundo presidido pelo ódio. Mundo intensamente povoado pelas figuras do medonho, do ominoso, do nefando. Mundo assombrado pelas manifestações do macabro, dramatizado pelas máscaras do diabólico e responsável pela construção dos afetos mais rasteiros, como a inveja, o rancor, a vingança, a ira, a violência. Produtor de uma estética profundamente brutal, que se divide entre hordas representantes de um narcisismo negro e o glamour iluminado do vazio, do nada, ele constrói as funções psíquicas que se opõem ao próprio psiquismo. É sob o domínio deste ódio que vemos o bebê dirigir-se com tanto desespero ao corpo feminino - mamá-lo, sugá-lo - e adquirir - para suportar a ignorância - a forma psíquica deste corpo. O que? É esta a questão que percorre este ensaio. É ela que abre o campo de investigação da cognição na teoria kleiniana como eu propuz nas páginas anteriores, isto é, estudar as formas passionais do conhecimento.

Aqui temos um processo de conhecimento muito particular, uma espécie de conhecimento mimético. Diríamos que: como se diante do

espaço aberto, o mundo psíquico vivesse uma fascinação tão insuportável que adotasse como uma das soluções possíveis a tendência a assumir - completamente - a forma do objeto que se apresenta, e, em seguida adotar uma profunda e imutável identificação com esse objeto - a mãe. Transformar-se em seu corpo, transformar-se em suas funções, em sua tarefa como fêmea, como útero.

"O corpo deixa então de ser solidário do pensamento, o indivíduo franqueia a fronteira de uma pele e mora do outro lado dos seus sentidos. Procura ver-se de um ponto qualquer do espaço. Ele próprio se sente tornar espaço, espaço negro, onde não se podem meter coisas. É semelhante, não semelhante a algo, mas simplesmente semelhante. E inventa espaços, dos quais é possessão compulsiva. (grifos do autor)"<sup>(20)</sup>

"Todas estas expressões trazem à luz um mesmo processo: a despersonalização por identificação com o espaço"...<sup>(21)</sup> Assim são organizados os conhecimentos e assim eles se implantam no tecido mítico sustentado pelo imaginário onírico da mãe.

Neste processo de conhecimento formado pelo, ou no ambiente do ódio, aquele que fala é o outro, não o sujeito. É a mãe, não o bebê. O bebê em sua violência adquire de modo incipiente o formato psíquico do objeto, mas isto não basta ao sujeito para prosseguir na elaboração das significações. O sistema cognitivo notifica a falta de outras condições mais eficazes para a perpetuação da vida: "É necessário ter acesso ao código que a mãe está usando". "Como penetrar no mundo mental desse outro sem colocá-lo em pânico e sem destruí-lo?" Momento delicado, momento onde nascem os mais profundos ressentimentos:

"Um dos mais amargos ressentimentos que temos encontrado no inconsciente é que esta quantidade esmagadora de interrogações, que são aparentemente só em parte conscientes e, quando conscientes, não podem ser expressas em palavras, permanecem sem resposta. Esse recalcado é logo acompanhado por outro, ou seja, que a criança não podia compreender as palavras

20 - Caillois, R. - O Mito e o Homem; Lisboa - Portugal, Edições 70, 1972; p.82

21 - Idem

e a fala. Deste modo, as suas interrogações remotam para além dos começos de sua compreensão da linguagem".<sup>(22)</sup>

O fracasso diante do objeto, a falha na apreensão ideal do objeto, constróem realidades afetivas ao redor do objeto e o envolvem em uma atmosfera particular do ódio, a frustração, que "significam ao mesmo tempo castigo e produzem ansiedade".<sup>(23)</sup>

Esta maneira de pensar induz a uma equação onde ignorância-castração-frustração-e-castigo formam uma cadeia lógica ligada pelo ódio. Conhecer e roubar, aqui, são sinônimos. Penetrar, invadir e se apossar, são reações regdas pelo ódio contra o não saber, a ignorância, e são elas que se encontram na base das inibições intelectuais e da arrogância, tanto no campo da fala, da escrita, como também no do pensamento. Quem experimenta o mundo como um inimigo jamais poderá estabelecer com firmeza uma noção deste mundo.<sup>(24)</sup>

"Parece-me ser característico do paranóico que, embora desenvolva um forte e agudo poder de observação do mundo externo e dos objetos reais, por causa de sua ansiedade de perseguição e de suas suspeitas, esta observação e seu sentido de realidade estão, todavia, falseados, uma vez que sua angústia de perseguição faz com que olhe as outras pessoas principalmente do ponto de vista de que sejam perseguidores ou não. Quando a angústia de perseguição está em ascensão no que se refere ao ego, não são possíveis nenhuma identificação completa e estável com outro objeto, no sentido de considerá-lo e compreendê-lo como realmente é, nem uma capacidade plena para o amor".<sup>(25)</sup>

As inibições, assim, demarcam quão profundamente, chegar até os códigos estabelecidos pela cultura, exige do homem uma dura travessia pelo campo dos mitos, das cosmogonias, das cosmologias. Fazer com que a palavra fale não é nada simples e, certas interrogações, jamais poderão obter uma resposta satisfatória; sempre serão enigmas, ou pior, sempre serão o sinal da dor de não saber: a castração!

É no mito onde o não saber pode ganhar um sentido, pode ganhar a forma de uma fábula.

Antes do acolhimento dado pelo mito, o saber, ou era despersonalização, ou angústia de aniquilamento. É só, organizado pelo mito de Édipo (conforme Klein o propõe) que o conhecimento principia a tecelagem das relações causais. A culpa edípica é a construção mítica das noções de causa na ciência. Quem é o culpado? Quem causou isto? - O culpado, ora! O culpado é aquele que é a causa e, no início imaginário da lógica implicativa, antes da letra está o sujeito. Este sujeito é a causa da vida, senhor do destino, dono de tudo e, portanto, o eterno responsável por tudo o que acontece: um pequeno Deus que não sabe onde está, por que veio, pra onde vai e qual é o sentido de suas ações no mundo:..." É claro por que, numa criança de mais ou menos um ano, a ansiedade causada pelo início do complexo edípico, toma a forma de um temor de ser devorada e destruída. A própria criança deseja destruir seu objeto libidinoso, mordendo-o, cortando-o, e devorando-o, o que provoca ansiedade, já que o despertar das tendências edípicas é seguido pela introjeção do objeto, que se transforma então em alguém de quem se deve esperar castigo. A criança teme então um castigo que corresponda à sua ofensa: o superego se transforma em algo que morde, corta e devora."<sup>(26)</sup> Esta é a proposta do pensamento kleiniano.

Aqui o problema se intensifica, pois, esse deus-causa-de-tudo (o bebê) tem que ceder para um outro deus-de-infinita-beleza. A força

22 - Klein, M. - Contribuições à Psicanálise; São Pulo, Ed. Mestre Jou, 1981; p.255

23 - Idem, p.225

24 - "O termo paranóide, porém, ao indicar o sentimento persecutório, introduz um viés: um sentimento de qualidade persecutória é apenas um dos muitos matizes afetivos que podem ocorrer em tais instantes do absoluto, em cuja duração uma pessoa é o mundo, pois constitui com este, uma unidade." p.50 "...Os sentimentos vivem em puras imagens de objetos que não têm face nem voz, nem mãos ou cabeça, objetos dos quais emanam advertências e amistosidades, dignidade ou indiferença, agouro ou terror. Projetar sentimentos nos objetos externos é o primeiro modod de sombolizar e, assim, de conceber tais sentimentos." p.52; idem, Fonseca, E.M.A.

25 - Klein, M. - idem, p.367

26 - Klein, M. - idem, p.254/55



racional presente no próprio corpo da criança exige dela um contato preciso com a mãe e com aquilo que deve ser suprido por ela, alimentação, conforto, auxílio, etc... Isto só será possível se no lugar da dependência desesperada e sem mediação, surgir em uma ambientação de esperança e uma capacidade de gratidão. Caso contrário teremos uma contenda entre rivais de força igual que só sabem perseguir um ao outro: é no medo e só no medo onde se mantem unificados, sem o medo tudo viria água abaixo. Mas, com medo ou sem medo, as necessidades devem ser consideradas seriamente e a adaptação conquistada com precisão.<sup>(27)</sup>

Porém, além de todas essas situações presididas pelo outro - pela mãe ainda nos resta uma terceira proposição a desenvolver. Esta diz respeito à lógica interna própria aos organismos inteligentes. Nas palavras de Piaget deveríamos ter um equilíbrio entre assimilação e acomodação. Estes dois esquemas seriam, associados aos de adaptação, nossa mãe-racional-interna-primária. No entanto a fixação destes pontos de sustentação lógica, só ganharão em força e eficácia se lhes for permitido um bom espaço interno de aptagem e um bom ambiente externo de cuidados.<sup>(28)</sup>

Portanto, para um sujeito passional poder vir a ser um sujeito racional, não basta o mito e o outro (a mãe) como mediadores "suficientemente bons", é necessário que internamente haja um acordo a favor da ação dos esquemas racionais de apreensão dos objetos. É necessário que o mundo seja bem-vindo.

Com a investigação clínica de crianças muito pequenas, M. Klein, descobriu não só esses processos de ódio manifestando-se simultaneamente na construção e desconstrução da realidade psíquica. Descobriu também, e para além do contingente das psicoses infantis, que uma espécie de afetividade era responsável por uma complexa desconstrução das identidades tanto matemáticas (classificadoras e operatórias) como também responsável pela desconstrução da identidade com o outro da mesma espécie. Isto se fazia presente também em condições normais. Esta afetividade teve como seu representante exponencial a inveja, que, na sua teoria perde o status de emoção cotidiana e ganha o valor de

conceito.

Ela poderia ser enunciada assim: o defeito do sensível, na construção do conhecimento é dado pelo ressentimento que ele gera. Se há defeito é porque no movimento de conhecer existe - ou se instala - um intruso que danifica a construção da informação. Tenho observado - tanto nas pesquisas feitas com crianças normais, quanto com as que apresentam uma patologia grave - que há algo que intercepta a conexão do corpo com a palavra, do corpo com a percepção. Algo que interfere na formação e desenvolvimento do interesse pelo objeto. Algo que age destruindo as amarras continentais do racional. Um algo (ou "um isso") impede que se construa uma vontade de saber; impede a formação da vontade, do desejo e do objeto. É uma verdadeira objeção, levada ao limite da indiferença pela vida: diante da inveja nada pode ser valorizado, nada pode receber significado.

Talvez, M. Klein dissesse que diante do objeto - no exato instante do encontro da boca do bebê com o seio - nasce a formidável figura medonha de um mediador necessário, ele não é o outro, é a própria lógica interna dos organismos inteligentes. Com esta, nasce também o germe de sua destruição: a inveja. Quer dizer, um olhar pode ser um gesto vazio. Mas ver... ver, pelo contrário, exige o desejo, exige o querer saber, exige estar favorável a construção da visão, exige, em suma, que não se proíba a visão. O não ver (o inver) está na palavra inveja e evidencia o quanto de negatividade, de indiferença proposital, o quanto, enfim, de não e recusas há no mundo que se conhece pelo visível e no ato de tirar da visão a consciência do ver.

## **PODER DA FALA DO PODER. A FALA DO PODER DA FALA.**

**Mário Lúcio Alves Baptista(\*)**

"Felizmente, as conferências científicas e políticas nada têm em comum. O êxito de uma convenção

27 - Aqui, é bom lembrar, adaptação não é submissão mas sim a capacidade verdadeira de usar os objetos sem sentir-se subjugado, é a capacidade de não colidir com o real, de toma-lo como jogo.

28 - Ver Winnicott, D.W. - Textos Seleccionados ..., R.J.; Francisco Alves; 1978, cap 19 e 22